



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

TRANSLINGUISTO LITERÁRIO EM *MENINI* [LUGARES ONDE NÃO
ESTOU], DE PALOMA VIDAL.

Juliana Faria de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

JULIANA FARIA DE OLIVEIRA

TRANSLINGUISTO LITERÁRIO EM *MENINI* [LUGARES ONDE NÃO ESTOU], DE
PALOMA VIDAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Orientador: Professor Doutor Luciano Prado da Silva

RIO DE JANEIRO

2020

CIP - Catalogação na Publicação

F047t Faria de Oliveira, Juliana Translinguismo Literário em Menini [lugares onde não estou], de Paloma Vidal / Juliana Faria de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2022.
34 f.

Orientador: Luciano Prado da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português Espanhol, 2022.

1. translinguismo literário . 2. poesia hispano americana. 3. paloma vidal. I. Prado da Silva, Luciano, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB7/6283.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JULIANA FARIA DE OLIVEIRA

DRE: 116026895

TRANSLINGUISTO LITERÁRIO EM *MENINI* [LUGARES ONDE NÃO ESTOU], DE
PALOMA VIDAL

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito
parcial para a obtenção do diploma de Licenciada em
Letras – Português/Espanhol.

Data de avaliação:

Banca Examinadora:

Professor Doutor Luciano Prado da Silva - Presidente da Banca Examinadora
Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Camila Franquini Pereira (UFRJ)

MÉDIA:

Assinatura dos avaliadores:

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo privilégio da vida e por me permitir alcançar os meus objetivos e realizar os meus sonhos.

Aos meus pais, Vânia de Mattos e João Carlos, por estarem sempre ao meu lado, por nunca me deixarem desistir e por me oferecerem todo o amor do mundo e o suporte necessário, não só durante esta etapa, mas durante toda a minha vida.

Ao meu irmão, Jean Carlos, por todos os conselhos e ajudas dadas desde sempre.

A toda a minha família por estarem sempre ao meu lado me ajudando a superar todos os obstáculos enfrentados ao longo do curso.

Aos amigos feitos no decorrer desta jornada que compartilharam comigo momentos bons e ruins, que comemoraram cada uma das minhas vitórias e enxugaram as minhas lágrimas nos momentos de tristeza. Vocês, Dayane da Silva, Debora Sampaio, Fabiana Pinho, Isabelle Navega, Janaina Ligeiro, Karollyne Silva e Matheus Azevedo, fizeram parte da minha formação e me ensinaram a ser melhor.

Ao professor Luciano Prado da Silva que, além de dividir os seus conhecimentos em sala de aula, se fez presente em todos os momentos difíceis dando apoio e incentivo, assim transformou sua sala em uma segunda casa criando um ambiente acolhedor.

Por fim, à UFRJ, como um todo, por toda a experiência enriquecedora e por todos os aprendizados proporcionados durante todo este tempo.

Eu quero ficar perto
De tudo o que acho certo
Até o dia em que eu mudar de opinião
A minha experiência
Meu pacto com a ciência
Meu conhecimento é minha distração
(...)

Eu gosto do meu quarto
Do meu desarrumado
Ninguém sabe mexer na minha confusão
É o meu ponto de vista
Não aceito turistas
Meu mundo tá fechado pra visitaçã
(...)

Eu corto os meus dobrados
Acerto os meus pecados
Ninguém pergunta mais depois que eu já paguei
Eu vejo o filme em pausas
Eu imagino casas
Depois eu já nem lembro do que eu desenhei
(...)

Às vezes dá preguiça
Na areia movediça
Quanto mais eu mexo mais afundo em mim
Eu moro num cenário
Do lado imaginário
Eu entro e saio sempre quando eu tô a fim

Coisas que eu sei
As noites ficam claras no raiar do dia
Coisas que eu sei
São coisas que antes eu somente não sabia...

Dudu Falcão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - Translinguismo.....	10
1.1 Translinguismo Literário	
1.2 Transculturação	
CAPÍTULO 2 - Contextualização histórica.....	12
2.1 A Ditadura Militar na Argentina	
CAPÍTULO 3 - A escritora Paloma Vidal.....	14
CAPÍTULO 4 - Análise dos poemas.....	18
4.1 Poema menini	
4.2 Poema melancholy way	
4.3 Poema [now i look at you]	
4.4 Poema [você já fez]	
4.5 Poema eles	
4.6 Poema [veo la ciudad desde arriba]	
4.7 Poema [y si ahora solo]	
CAPÍTULO 5 - Translinguismo como uma ferramenta de ensino.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
ANEXOS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Atualmente nota-se o surgimento de uma nova literatura, uma da qual os escritores se sentem livres para se expressar e transitar em dois ou mais idiomas diferentes sem ter a sua poética desvalorizada por outros. Os autores utilizam dessa prática translíngue para (re)afirmar seus lugares de pertença e identificação cultural. Para essa reafirmação de identidade eles perceberam que a concepção de língua oferecida até os dias de hoje pelos linguistas não dá conta de todas as transformações sociais, as interações linguísticas fluidas e dinâmicas e os usos efetivos da linguagem que ocorrem nas sociedades transnacionais.

Dessa forma, o presente trabalho, diante do vasto campo de estudos da linguagem, tem por tema geral o translinguismo literário encontrado na obra da autora argentina Paloma Vidal, especificamente no livro *Menini [lugares onde não estou]*. Para isso será necessário abordar conceitos como translinguismo e transculturação. E como o translinguismo pode ajudar os alunos durante o aprendizado de uma língua estrangeira (ELE) propiciando uma educação intercultural.

Ao longo desta pesquisa se analisará como a autora argentina Paloma Vidal traz para a literatura brasileira contemporânea uma voz feminina, e como seu translinguismo revela o poder da escrita um projeto político literário diante de um vasto repertório relativo às vivências do sujeito e que se transformam continuamente. No entanto, para tal análise é importante conhecer os fatores que levaram a autora a utilizar diferentes idiomas em sua escrita.

O desenvolvimento desta monografia encontra-se segmentado em cinco capítulos, a saber: No primeiro capítulo desta dissertação procura-se construir uma base teórica para que os leitores possam entender de fato os conceitos de translinguismo e o de transculturação. O segundo capítulo esclarece os motivos que fizeram Paloma Vidal vir para o Brasil, para tal é de suma importância considerar o contexto histórico da Ditadura Militar na Argentina, período histórico caracterizado pela efervescência e conflitos de novas ideias e pensamentos.

O terceiro capítulo fará uma apresentação da escritora Paloma Vidal, trazendo dados de sua biografia e descrição de suas principais obras e a exposição das principais questões presentes em seu trabalho poético. Já no quarto capítulo há as análises sobre os poemas selecionados. No quinto e último capítulo trata sobre a importância do translinguismo como

ferramenta auxiliadora na prática docente intercultural. Por fim, apresentam-se as considerações finais deste trabalho monográfico.

CAPÍTULO 1 - TRANSLINGUISMO

Antes do século XXI pesquisadores recorriam a conceitos que unificam e homogeneizam a língua, como resultado a língua tem sido pensada como uma entidade fixa. Segundo Makoni e Pennycook (2015), as gramáticas e os manuais didáticos foram criados como consequência dessa ideologia diz que as línguas são entidades separáveis e enumeráveis. O translanguismo, portanto, surge como uma nova teoria que busca contestar conceitos estandardizados nos estudos linguísticos.

O termo translanguismo se refere a um conceito (ou teoria) que gira em torno de um fenômeno linguístico (ou um fenômeno da linguagem), onde um sujeito transita entre línguas. A ensaísta, crítica literária e professora canadense radicada nos Estados Unidos Mary Louise Pratt (1948) escreve em seu artigo “Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística” (2014) que quando as pessoas se mudam, sua linguagem se muda com elas.

1.1 Translanguismo Literário

No que tange ao translanguismo literário, este ocorre quando um autor escolhe utilizar em suas obras literárias um idioma diferente do seu. Como exemplo, pode-se citar o escritor irlandês Samuel Beckett (1906-1989) que a partir de 1945 passa a utilizar o francês como idioma literário.

De acordo com artigos de Zolin-Vesz (2014) e Ferrari (2016), o termo translanguismo surgiu em 1994, sendo utilizado pelo professor galês Cen Williams que, ao observar durante suas aulas que a língua falada em sua comunidade estava perdendo espaço para o inglês, propõem uma prática pedagógica que estabelece o uso das duas línguas (inglês e Welsh) no decurso de suas classes para diferentes funções, os alunos leriam em uma língua e escreveriam em outra.

O professor Steven G. Kellman (1947) define o translanguismo como “o fenômeno de autores que escrevem em mais de uma língua ou que ao menos escrevem em outra língua que não a sua língua materna” (2000,p.18).

Em outras palavras, na escrita literária uma prática translingual designaria o deslocamento de um autor de uma língua para outra, transitando entre diferentes línguas, no

encontro de dois objetos culturais, tanto nos marcos de suas obras completas quanto no interior de um determinado texto específico. Essas literaturas que já foram chamadas de migrantes e que hoje são tratadas como transculturais não resultam na supremacia de um e apagamento de outro, mas na criação de objetos culturais novos.

O translinguismo também serve como ferramenta para fazer análises dos fenômenos referentes à prática de linguagem de falantes bilíngues e multilíngues em seus processos de construção de sentido. Atualmente, é um termo que tem aparecido frequentemente nos recentes estudos nas áreas da linguagem, da literatura e da educação (quando relacionado à transculturação). Por conseguinte, a oralidade e as construções escritas dos falantes que vivem em áreas de contato entre línguas vêm sendo cada vez mais analisadas, tendo em vista os processos de translinguagem e transculturação.

1.2 Transculturação

Transculturação é um neologismo para substituir o vocábulo aculturação e que frequentemente aparece ligado ao translinguismo. O termo criado por Fernando Ortiz [1940] 1983), Ortiz em seu livro *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*, antagonizava a ideia de aculturação, a qual se compreendia como a imposição de uma cultura para outra. Ou seja, a aculturação viria para apagar a cultura e identidade de um povo por uma nova, como nos casos de colonização onde os colonizadores impõem sua cultura sobre o povo colonizado. A transculturação, para Ortiz, está correlacionada ao universo das trocas culturais, onde ocorrem perdas e ganhos de características de cada uma delas, portanto se trata de um processo no qual as duas culturas em contato saem modificadas e assim uma cultura não subjuga a outra, as duas fornecem contribuições significativas para a formação de uma nova cultura.

De acordo com Ortiz o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra. Para Ortiz, o processo de transculturação se dá em três momentos: primeiro, na ‘desculturação’ onde ocorre a perda dos componentes culturais do povo dominado; no segundo momento, há a ‘incorporação’ de uma cultura externa imposta; e em terceiro e último, em uma ‘neoculturação’, ou seja, o entrelace de elementos culturais tradicionais ao externos adquiridos, gerando novas configurações culturais.

CAPÍTULO 2 - Contextualização histórica

2.1 Ditadura Militar Argentina

Para compreender melhor como o translinguismo surge na obra de Paloma Vidal há a necessidade de se fazer, neste trabalho, uma breve contextualização sobre o período de 1976 a 1983, no qual a Argentina vive em uma ditadura que se inicia através de um golpe de Estado que deixou cicatrizes profundas na sociedade, decorrentes da extrema violência praticada pelos representantes do poder.

A Argentina vinha sofrendo durante anos presa dentro de um cenário político conturbado e de caos econômico, entre 1930 e 1976 uma sucessão de golpes liderados por militares ocorreram no país até que, em 24 de março de 1976, ocorre um golpe de Estado que depôs a então presidenta da República María Estela Martínez de Perón.

Assume, então, o poder uma Junta Militar composta pelas três armas das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) que, em seguida ao golpe, indicou o general Jorge Rafael Videla para presidir o país. poder, Videla adotou inúmeras medidas, tais como o Processo de Reorganização Nacional que tinha como objetivo final modificar todo o sistema de relações sociais, políticas, econômicas e ideológicas, tomando como justificativa a moral cristã, a tradição nacional e a dignidade do ser argentino, prometendo acabar com a corrupção e a ação subversiva.

Os militares desejavam construir uma imagem de salvadores da Pátria contra o inimigo subversivo, contudo o projeto nacional dos argentinos sustentou um imaginário de guerra que justificou a ascensão do terrorismo, um cenário muito discrepante da ordem que o regime dizia oferecer. Desse modo, a sociedade argentina se viu envolvida em um clima de repressão extrema que resultou no desaparecimento e assassinato de milhares de pessoas. Em sua obra *Breve História Contemporânea de la Argentina* (2006) o historiador Luis Alberto Romero define a ditadura Argentina como genocídio.

Carlos Fico, professor do Departamento e do Programa de Pós História do Brasil na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador do Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹, em uma entrevista concedida a revista Tempo e Argumento comenta sobre esse período:

A última ditadura militar Argentina foi extremamente violenta: antes mesmo da ditadura ser imposta, a esquerda revolucionária fora extremamente violenta. O golpe foi recebido com certo alívio. Havia realmente uma conflagração muito grave, inclusive, prática da repressão clandestina anterior ao golpe. Refiro-me ao contexto anterior ao golpe de 1976 e posterior ao Cordobazo, que foi em 1969. A esquerda revolucionária fez uma opção desesperada pelo confronto, num processo crescente que chegou ao governo da Isabel Perón, um governo constitucional, mas muito frágil e sem sustentação, durante o qual foi deflagrada uma onda de repressão à luta armada, sobretudo na cidade de Tucumán. Depois do golpe militar de 1976, aqueles grupos clandestinos do tipo “comando de caça aos comunistas”, que atuavam antes do movimento militar, continuaram agindo e, mais do que isso: os militares passaram a fazer uma repressão brutal, mas a luta armada também não cedeu e, durante muito tempo, continuou com ações extremamente violentas. Quero dizer o seguinte: quando a literatura internacional se refere às ditaduras militares, na maioria das vezes os autores têm em mente o caso da Argentina, reconhecido pela violência brutal. (FIGO, 2013, pág. 66)

No referido período calcula-se que cerca de 30.000 pessoas desapareceram nas mãos do Estado durante a ditadura naquele país e que aproximadamente 300.000 argentinos tiveram que se exilar. Neste caótico cenário nasce Paloma Vidal em 1975, Buenos Aires e aos 2 anos de idade chega no Brasil, pois os pais fogem da Argentina perseguidos pela ditadura militar.

¹ Dentre os temas pesquisados por Carlos Fico para a história, estão os seguintes: ditadura militar no Brasil e na Argentina (conforme se lê em <http://lattes.cnpq.br/7388174968659045> . Acesso em: 09 jan. de 2022).

CAPÍTULO 3 - A escritora Paloma Vidal

1.1. Sobre a autora

Como dito anteriormente Paloma Vidal nasce na Argentina, porém, dado o momento político no qual o país se encontrava, seus pais são obrigados a fugir e encontraram exílio no Brasil, e assim ela chega ao nosso país com apenas dois anos de idade. Dos 2 aos 25 morou no Rio de Janeiro, passou por várias cidades e atualmente vive e trabalha em São Paulo. Em 1999 se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2002 obteve o seu título de mestre em Letras e, em 2006, de doutora em Letras, ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Desde 2009, leciona aulas na área de Teoria Literária na Universidade Federal de São Paulo.

Nascida em Buenos Aires em 1975 e tendo ido para o Rio de Janeiro aos 2 anos de idade, a jovem autora refaz na ficção uma identidade em trânsito. Não abandona a origem portenha, não incorpora as cores brasileiras por completo. E isso torna sua literatura objeto de interesse natural em tempos transnacionais, quando a alegoria do nacional já não nos diz tanto respeito. Paloma parte de um entrelugar habitado por duas gramáticas e duas línguas que desejam pertencer ao mundo todo. (RESENDE e AGRÓ, 2014, p. 123)

Julga-se importante abordar questões biográficas da autora, uma vez que estas questões estão relacionadas com as questões autorais e principalmente nas questões de escrita. Paloma Vidal em sua criação literária lança mão de digressões e de cenas do cotidiano, trazendo a memória pessoal misturada com a ficção.

Percebe-se que sua narrativa se confunde com a própria história de vida, o fato de portar duas línguas e duas culturas distintas causa uma forte influência em suas obras, como, por exemplo, a presença da figura de um indivíduo que procura por sua identidade, confuso sobre as suas origens, por isso vive em um constante deslocamento em busca de si, deslocamento esse que pode ser de cunho social, cultural, linguístico e político. Temas como o deslocar-se ou o estar em trânsito dialogam diretamente com a história de sua vida, que marca esta condição de estar entre duas línguas e duas culturas.

A escrita de Paloma Vidal situa-se num ponto de vista majoritariamente feminino, girando em torno do limite entre o real e o ficcional, suas obras não seguem o modelo estruturalista padrão de construção da narrativa, dessa forma fundamentam o

romance pelo caráter autobiográfico. Encontramos em sua escrita um tom comedido e melancólico, tentando sempre passar esse sentimento de estranhamento ou de entrelugar.

Em seu fazer literário contemporâneo, Paloma Vidal se dedica a uma escrita de si repleta de recursos que põem em dúvida a aproximação entre escritora e narradora. Tendo em vista que a autora possui uma escrita dedicada a si, se torna óbvio que a voz feminina presente em suas obras é um ato político. Disposta a quebrar paradigmas, ela escreve como mulher porque é uma mulher e é este o lugar que ela visa ocupar na literatura.

Vidal desenvolveu seu trabalho literário transitando por várias formas literárias. Publicou os romances *Algum lugar* (2009) e *Mar azul* (2012); em 2008, publicou o livro *Mais ao Sul*; a peça *Três peças* (2014); as duplas de livros de poemas *Durante* e *Dois* (2015) e *Wyoming* e *Menini* (2018), com textos do blog “*Lugares onde eu não estou*”; os livros de contos *Dupla exposição* (2016), com imagens de Elisa Pessoa, e *Ensaio de voo* (2017), pela editora artesanal Quelônio, entre outros.

O seu primeiro romance *Algum Lugar* foi publicado em 2009, e se insere na temática da viagem, refletindo alguns dos anos que passou em Los Angeles, nos Estados Unidos, enquanto escrevia sua tese de doutorado. Nesta obra a autora traz a questão da imigração, sem referir-se, no entanto, ao estrangeiro que chega ao Brasil, mas sim ao brasileiro, mais enfaticamente às mulheres que deixam o Brasil por razões pessoais ou educacionais. Assim, Paloma Vidal, também estrangeira (exilada, nascida na Argentina e não naturalizada brasileira) problematiza em seu romance a condição do emigrante e a hibridização cultural, tão características da contemporaneidade e de sua vida pessoal.

Em *Mais ao Sul*, obra que ganhou destaque entre a crítica literária, trata-se de uma compilação de contos, publicada em 2008, que já possui temas como o movimento entre diferentes culturas, línguas diversas e casas ocupadas ou (semi) abandonadas, o que nos remete às próprias experiências da autora. O livro traz questões como a sensação de falta de pertencer a um lugar, e ao mesmo tempo aborda os problemas da política latino-americana. Além disso, “Na segunda parte, podemos encontrar relatos de mulheres que, de alguma forma, esperam pelo tempo de partir ou buscam encontrarem a si mesmas, emoldurando um momento em que a voz feminina se faz clara, sem concessões”. (Machado, 2018, página 46)

Além do espanhol e português, Paloma Vidal escreve em inglês, tendo em vista o período de tempo, entre 2002 e 2006, que passou nos Estados Unidos para escrever a sua tese de doutorado. E escreve também em francês, chegou a ir à França para aprofundar uma de suas pesquisas.

Em relação a todo esse deslocamento, deixar o seu país e se exilar no Brasil, deixar o Brasil para dar continuidade aos seus estudos e pesquisas, em uma entrevista concedida em 2012, quando questionada se sua família não tivesse vindo para o Brasil ela ainda seria uma escritora ou se o fato de ser uma escritora está relacionado diretamente a este lugar de não pertencer, ela contesta:

Essa é uma outra pergunta que eu não tenho como responder. Acho que nunca terei. Eu sou argentina e brasileira, ou brasileira e argentina, e acho que posso ser de muitas cidades, posso me sentir bem em muitas cidades, encontrar uma cotidianidade minha nelas, mas, ao mesmo tempo, sempre estou pensando em me mudar, em como seria morar em outro lugar, porque também sempre tenho a impressão de não pertencer completamente a cidade nenhuma. (VIDAL apud GHETI, 2012, s.p.)

É nítido que a criação literária de Paloma Vidal apresenta a temática do movimento entre diferentes culturas e línguas, o não pertencimento aos lugares, o estranhamento, a busca pela identidade social e cultural em uma vida de constantes deslocamentos representam pontos que se associam à sua biografia. Ademais, suas obras contêm uma memória capaz de redimensionar a experiência feminina nômade no cenário contemporâneo. Desse modo, a experiência do deslocamento de suas personagens dá origem a alguns conflitos de identidade ao tempo em que repensa e propõe novos olhares sobre o exercício da escrita memorialística.

Pelo fato de que suas obras contêm partes de sua vida, é normal os leitores terem a curiosidade de descobrir o que dentro daquele texto é ficcional e o que é autorreferencial. Depois de ter lançado o livro *Mar Azul*, foi perguntado à autora o que a obra tem em comum com a sua história de vida e em que proporção é um livro autobiográfico.

Este livro tem menos a ver com a minha história do que os anteriores, porque se trata de uma narradora que está entrando na velhice e relembra acontecimentos de sua juventude enquanto lê os cadernos deixados pelo pai após sua morte. Mas o que é autobiográfico ou não deve ser sempre colocado como questão. Para mim, um livro não faz

sentido se, de alguma forma, não fala de uma experiência que me diz respeito, o que é muito diferente de falar de mim diretamente. Neste livro, a personagem não sou eu, nem o pai dela é meu pai, mas há perguntas que ela se faz que são perguntas minhas; há problemas, impasses, fantasias que são meus. (VIDAL apud GHETI, 2012, s.p.)

O livro selecionado como objeto de análise para este trabalho, *Menini: Lugares onde não estou* (2018), explora, já em seu título, esta condição de não pertencimento. Na epígrafe desse livro, que começou a ser escrito como um diário poético, no ano de 2010, em um blog², a editora esclarece:

Estes lugares onde não estou trazem uma experiência literária plural: misto de crônica e diário, poesia e prosa, formam uma espécie de relato de viagem, com textos escritos na distração do instante, postado originalmente em blog no meio dos afazeres cotidianos. A descoberta do mundo pelas crianças, as dúvidas e sonhos, o vivido e o imaginado, o visto e ouvido, tudo ganha um outro olhar nesses relatos ora profundos, ora singelos, que revelam uma inquietante familiaridade. É assim, quase sem querer, que Paloma Vidal vai seguindo, com talento e invenção, o fio de uma obra mais ampla – que não se fecha aqui, ao contrário: abre caminhos e espaços para novas descobertas, mais que literárias. (Epígrafe do livro *Menini [lugares onde não estou]* de VIDAL, 2018)

.Como é de conhecimento, a escrita de Paloma Vidal tem esta característica auto ficcional que contribui para a particularização metaliterária de sua produção. Assim, neste livro não é diferente, pois, incorporando elementos que fazem parte da realidade da autora, Vidal levanta reflexões a respeito do fazer literário que dialoga com o mundo externo.

Ao narrar de maneira simples, sem alardes, a escritora traz no interior de sua obra fatos cotidianos, questionamentos, sonhos. Ao ler os poemas do livro, nota-se que a escritora passeia entre o português e o espanhol como línguas maternas e o inglês e francês como língua acessória, e assim o translinguismo se faz presente no conteúdo de sua composição.

² Blog disponível no site: [lugares onde eu não estou \(escritosgeograficos.blogspot.com\)](http://lugaresondeeu-naoestou.blogspot.com)

CAPÍTULO 4 - Análise dos poemas

Neste capítulo, serão analisados alguns poemas que contêm translinguismo literário. Após a breve contextualização sobre o que é translinguismo e transculturação, e entendermos quem é a escritora Paloma Vidal e o porquê do translinguismo estar presente em suas produções literárias, é possível começar, de fato, a análise dos poemas do livro *Menini [lugares onde não estou]* selecionados para este trabalho. Começando pelo poema que dá título ao livro em que se encontra.

1.1 Poema menini

12.6.15

menini

o lugar
onde eu corto
o cabelo
se chama
avant-garde

no avant-garde
é difícil saber
se as pessoas
são meninas
ou meninos

acho que quem
lava o meu cabelo
é menino
quem me dá
o espelho quando
o corte está pronto
quase certeza
é menina

a cabeleireira
se chama
natasha

hoje enquanto
a natasha cortava
o meu cabelo
ela me contou
que a sobrinha quis dar
para um amiguinho

uma boneca polly
 a mãe disse que era
 de menina
 ela se justificou
 dizendo que era
 de menino

00:34

Como se pode perceber este poema não mescla dois idiomas, no entanto é notável o modo simples da escritora escrever sobre o dia a dia, as situações do cotidiano. O poema, que narra um ocorrido banal, com astúcia discreta, quase furtiva, traz uma temática social muito importante, a questão da identidade de gênero. Seria muita ingenuidade dos leitores pensar que foi por acaso, ou simples inocência da autora, que este poema foi escrito e publicado.

Como dito anteriormente, a escrita de Paloma Vidal perpassa por questões políticas e de identidade. No poema “menini” a autora fala sobre a identidade de gênero de uma forma leve e sutil, e ao abordar a perspectiva da criança sobre tal tema, observamos que a diferença entre homens e mulheres é construída socialmente desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados de que maneira devem se comportar, do que devem gostar e assim seguir o que é “adequado” para o seu gênero. Este poema dialoga perfeitamente com a epígrafe do livro quando Paloma diz “a descoberta do mundo pelas crianças”, com a resposta que a menina dá à mãe percebemos que a criança não sofre influências sociais preconceituosas.

4.2 Poema melancholy way

01.01.15

melancholy way

mais um lugar
 ao qual não vou
 voltar

11:40

Aqui podemos reparar que o corpo do poema é todo escrito em português, porém o título é escrito em outro idioma, o inglês.

Tanto no título do poema quanto no corpo do poema em si se percebe a tristeza, a autora sofre por uma perda, a perda de não poder, por algum impedimento, voltar a um determinado lugar. É característico a temática da viagem em suas obras, nesta ela sente a

melancolia de não poder retornar ao lugar em que está agora, como não pode retornar a algum lugar antes. É angustiante e irrequieto o tom do poema.

4.3 Poema [now i look at you]

20.1.15

*now i look at you
you are a mother
of two*

16:14

Este outro poema, diferente dos anteriores, é escrito todo em inglês. Contudo, a eleição do inglês não foi por acaso. Esse mesmo poema, escrito em português ou em espanhol, perderia a rima presente entre o primeiro e último verso. O inglês foi escolhido para dar ao poema uma certa musicalidade. Pode-se deduzir também, devido a sua escrita autobiográfica, que Paloma está falando dela mesma, uma reflexão sobre quem ela é hoje, uma mãe de dois filhos.

4.4 Poema [você já fez]

24.5.15

com c.a.

você já fez
análise?
ele prefere
a conversa
com amigos

*chaque atome de silence
est la chance d'un*

fruit mûr

diz valéry

citado por simone

em “*la femme rompue*”

teria ela fatigado

divãs?

assim diz a

dedicatória

do meu livro

para paloma

que también

viene

fatigando

divanes

ele prefere

a conversa
 com amigos
 tem planos de
 uma antologia
 com poetas
 que alguma vez
 em algum
 poema
 usaram o nome
 próprio
 um assunto
 puxa o outro
 quase conto
 que minha analista
 prefere o silêncio
 será que ela
 espera fruta
 madura?
 se isto fosse um
 diário
 eu não saberia
 nem por onde
 começar
 mas como é preciso
 ser breve
 basta consignar
 meu *acting out*
 e sair
 20:19

Ao analisar-se este poema, percebe-se que se trata de uma mulher que faz terapia. Mas um homem (ele) prefere a conversa com amigos, a escrita, tem até planos de uma antologia com poetas, prefere tudo isto a ter que ficar deitado em um divã com uma terapeuta em silêncio. Ou seja, tem-se aqui pessoas diferentes, com maneiras distintas de se expressar. Há também aqueles que se mantêm em silêncio, como a sua terapeuta, isso gera o questionamento se ela seria uma pessoa paciente, daquelas que esperam a fruta ficar madura. Durante suas divagações acerca da temática terapia ela reflete se Simone de Beauvoir teria sido uma mulher que faria terapia (versos 12 e 13).

Nos versos finais, o eu-lírico diz “se isto fosse um/ diário/ eu não saberia/ nem por onde/ começar”. Nota-se que não se trata de um diário, pois o eu-lírico não escreve narrando e descrevendo o seu dia, são reflexões causadas por uma conversa.

Neste poema, o translinguismo se faz presente, a autora mescla 4 idiomas: o francês, o português, o inglês e o espanhol. Ao utilizar o francês, é como se ela estivesse lembrando o momento em que estava lendo um livro de Simone de Beauvoir, a parte onde Paul Valéry é citado. O português é o idioma que parece ser a língua na qual o seu subconsciente está refletindo. Paloma usa o espanhol para citar a dedicatória de um livro escrito nesse idioma por ela mesma. E por último, em inglês ela utiliza uma expressão que na psicanálise descreve algo que falha no indivíduo e ele precisa colocar para fora, como a autora está fazendo, materializando seus pensamentos através do eu-lírico que ela constitui.

4.5 Poema [Eles]

15.7.15

Eles

ontem pela
primeira vez
durante
o terror noturno
eu me vi
falando
na outra língua
eu dizia:
*se llevaron todo
lo que tenemos*

00:43

Neste poema encontramos o translinguismo, pois estão presentes duas línguas, o português e o espanhol. O poema é o relato de um pesadelo tido durante a noite e, levando-se em conta o passado da escritora, marcado pela fuga de seu país devido à dura ditadura militar instaurada, os últimos versos podem não ser simplesmente um pesadelo mas, sim, uma lembrança muito antiga de algo já visto, numa sensação de “déjà vu”.

Quando ela se refere ao espanhol como “na outra língua”, nota-se um afastamento. Como a utilização do espanhol não ocorre de forma proposital, remetendo a um tempo que ela não quer mais lembrar e reviver, naquele momento acontece um sentimento de estranhamento.

4.6 Poema [veo la ciudad desde arriba]

11.8.15

veo la ciudad desde arriba

pienso en mis cuadernos
 en mis cajas
 en mis carpetas
 entiendo su lógica
 pienso en mi analista
 que me pregunta:
 qué guardas ahí?
 todo, le contesto
 veo la ciudad desde arriba
 entiendo su lógica
 me guardaría ahí
 si fuera posible

18:24

Analisando o poema [veo la ciudad desde arriba], nota-se que ele foi escrito em sua totalidade em espanhol. Neste poema vemos que o eu-lírico possui um modo particular de enxergar a cidade, provavelmente a que vive. Ela percebe que assim como há um modo de organização que determina o funcionamento de pastas, cadernos e caixas, as cidades também guardam algo e possuem sua maneira de funcionar.

Com os últimos versos, mais especificamente em “me guardaría ahi” podemos deduzir que se fosse possível ela se guardaria na cidade e sua lógica, talvez seja o desejo não explícito de acabar com as suas viagens em busca da sua identidade, de finalmente dar uma lógica ao seu ser.

4.7 Poema [y si ahora solo]

22.8.15

*y si ahora solo
 me vienen
 en español
 qué hago?
 me traduzo
 e se agora só
 vierem
 em espanhol
 tenho a tentação
 de escrever
 fazer o quê?
 mas simplesmente
 é outra coisa
 então
 fazer o quê?
 no escribir
 decía barthes
 no es*

una posibilidad
mas isso também
é uma tradução
então?
tudo bem
23:23

Neste último poema, nota-se a forte presença do translinguismo literário de Paloma Vidal. Por meio dessa mescla de dois idiomas, o português e o espanhol, a autora mostra o seu hibridismo cultural, a inquietação que surge por estar nesta condição de transitar entre duas línguas e duas culturas diferentes que parece ter implicações fortes em sua obra literária.

Depois de analisar os poemas acima percebemos que todos começam com o dia e terminam com a hora em que foram escritos, contudo nem todos possuem títulos, apenas apresentam a datação do dia em que foram escritos e logo em seguida vamos direto para o poema. Com as análises dos poemas comprovou-se, por meio de estilo e a brevidade dominantes da narrativa de Paloma Vidal, quais são as principais questões presentes em seu trabalho poético e que o repertório de seu livro é relativo às suas vivências. A escrita de Paloma Vida segue uma singularidade narrativa, um estilo contemporâneo de versos livres e com temáticas atuais.

CAPÍTULO 5 -Translinguismo como uma ferramenta de ensino

O ensino do translinguismo nas aulas de língua estrangeira, mais especificamente no ensino de espanhol língua estrangeira (ELE), pode se tornar uma ferramenta de grande ajuda tanto para os docentes quanto para os discentes. Pode fomentar nos alunos o interesse pelo idioma e, ademais, de conhecer as línguas formadas pela mistura de idiomas e compreender a necessidade de valorizar essas línguas e as culturas nas quais estão inseridas.

As línguas possuem uma dimensão social, é dizer, as línguas possuem um papel fundamental na expressão dos grupos sociais e da cultura da qual fazem parte. Para García (2020), a educação linguística tem servido historicamente como um meio de perpetuar os processos de minoritarização, racialização e colonização. O pesquisador Rajagopalan (2013, p.41) afirma que “a aparência do monolingüismo é fruto de políticas linguísticas muitas vezes praticadas no passado” e, conforme esclarece o pesquisador, uma grave consequência social dessas políticas é que “milhões e milhões de pessoas são condenadas por terem o sotaque que as elites consideram de baixo prestígio, inculto, bárbaros e assim por diante”. (RAJAGOPALAN, 2013, p. 42)

Para Canagarajah (2013), o paradigma translíngue confronta a ideologia monolíngue a partir de dois pressupostos básicos: 1) A comunicação não se conforma à imposição da estabilidade e de limites rígidos, transcendendo, portanto, línguas individuais; 2) A comunicação transcende o texto escrito ou verbal, envolvendo um conjunto multifacetado de recursos semióticos e ecológicos ou contextuais. Com isto, conclui-se que as práticas monolíngues nos dias atuais só contribuem para o aumento do preconceito linguístico.

Desse modo, a translinguagem expõe os perigos da orientação monolíngue para as práticas de linguagem que são marcadas por uma natureza plural e híbrida cada vez mais evidente. Trabalhar a pluralidade linguística nas escolas, optando assim por uma educação intercultural, afirma e exalta as diferenças culturais e, por conseguinte, combate o preconceito promovendo a igualdade entre culturas.

É perceptível que, com o processo de movimento migratório (incentivado por diferentes motivos) e o fenômeno da globalização, intensificou-se a convivência de diversos povos com idiomas diferentes, origens culturais distintas e modos de vida diversificados. Como resultado, a maioria das sociedades atuais estão cada vez mais multiculturais. Por isso a prática docente intercultural é fundamental, ela promove a relação entre as culturas sem anular a identidade de cada uma delas.

Destarte, o translinguismo, desenvolvido junto com o conceito de transculturação, vem como um meio para auxiliar a incorporação dessa educação intercultural nas escolas. A escola constitui um espaço importante de contato e integração na sociedade e desempenha um papel fundamental para a criança e sua família. Neste sentido, a prática docente mais inclusiva e a translinguagem promovem entre esses grupos uma relação de aceitação, respeito e valorização da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da minha participação no Projeto de pesquisa TRANSLIT UFRJ - “O Ensino de Literatura Translinguística Latino-americana (Esp-Ing-Port) na e para a Formação e Atuação de Professores de Espanhol Língua Estrangeira”, coordenado pelo professor Luciano Prado da Silva (FE/UFRJ), foi impulsionada uma motivação, curiosidade e conhecimento sobre translinguismo, possibilitando assim a elaboração deste trabalho monográfico, tomando parte da obra de Paloma Vidal como material para análise e reflexão. Desse modo, o livro Menini [Lugares onde não estou], mais especificamente, os poemas *melancholy way*, [*now i look at you*], [*você já fez*], *menini*, *eles*, [*veo la ciudad desde arriba*] e, por último, [*y si ahora solo*] foram selecionados porque, neles, características importantes para uma análise literária translinguística foram percebidas: o trânsito entre diferentes línguas e a temática do movimento entre diferentes culturas.

Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, primeiramente, contou-se com um capítulo que busca explicar o conceito de translinguismo. Além disso, foi realizada uma breve abordagem sobre transculturação, contando com a exposição de diferentes definições do conceito, consideradas mais relevantes para este trabalho. Tudo isso na intenção de que a/o leitor/a possa compreender melhor o que é o translinguismo literário, e o fato de que ele está relacionado a uma escrita literária em que há um movimento complexo entre duas (ou mais) línguas diferentes.

O capítulo seguinte se trata de uma contextualização sobre o período histórico turbulento no qual a Argentina estava inserida, contextualização essa necessária para entender o motivo que levou Paloma Vidal a sair de seu país e vir para o Brasil. A autora nasceu um ano antes da Ditadura Militar na Argentina, que foi de extrema violência, um período histórico caracterizado por governantes cruéis. Diante de tal cenário político catastrófico, os pais de Paloma encontram refúgio no Brasil.

Em seguida, encontram-se algumas informações mais gerais sobre a vida de Paloma Vidal e as principais marcas e características encontradas em sua produção literária, abordando questões biográficas, já que elas se relacionam com as questões autorais e, principalmente, nas questões de escrita, usando de artifícios literários para narrar as cenas do

cotidiano, trazendo a memória pessoal misturada com a ficção. Buscou-se, ainda, tratar como o translinguismo se faz presente em sua obra, ou seja, o que significa para a escrita da autora.

Partindo para a análise dos poemas, e começando com a análise do poema homônimo da obra, “menini”, observou-se como a autora aborda questões sociais de maneira leve, como sua escrita é simples, porém levanta fortes reflexões sobre a vida em geral. Observou-se, ainda, como o translinguismo aparece e perpassa os seus poemas, deixando claro que a escolha de um determinado idioma não é por acaso.

Por fim, discute-se como o translinguismo pode se tornar uma ferramenta auxiliadora para os professores na hora de ensinar aos estudantes uma língua estrangeira, especialmente no ensino de espanhol. Uma educação intercultural, utilizando-se do translinguismo e da transculturação, é de extrema importância na atualidade, pois devido à migração e a globalização, raras são as culturas que podemos chamar de “puras”. Por esse motivo, os alunos têm a necessidade de sentir a sua e outras culturas representadas dentro da instituição de ensino. Nas escolas de regiões fronteiriças, onde duas culturas e duas línguas coexistem, é primordial uma educação intercultural. Uma prática docente mais inclusiva combate o pensamento preconceituoso (aquele que aponta que um idioma ou uma cultura é de menos prestígio com relação a outra), e prioriza a valorização da diversidade.

ANEXOS

1

01.01.15

melancholy way

mais um lugar
ao qual não vou
voltar

11;40

2

20.1.15

*now i look at you
you are a mother
of two*

16:14

3

24.5.15

com c.a.

você já fez
análise?
ele prefere
a conversa
com amigos
*chaque atome de silence
est la chance d'un
fruit mûr
diz valéry
citado por simone
em "la femme rompue"
teria ela fatigado
divãs?*

assim diz a
dedicatória
do meu livro
para paloma
que también
viene
fatigando
divanes
ele prefere
a conversa
com amigos
tem planos de
uma antologia
com poetas
que alguma vez
em algum
poema
usaram o nome
próprio
um assunto
puxa o outro
quase conto
que minha analista
prefere o silêncio
será que ela
espera fruta
madura?
se isto fosse um
diário
eu não saberia
nem por onde
começar
mas como é preciso

ser breve
basta consignar
meu *acting out*
e sair

20:19

4

12.6.15

menini

o lugar
onde eu corto
o cabelo
se chama
avant-garde

no avant-garde
é difícil saber
se as pessoas
são meninas
ou meninos

acho que quem
lava o meu cabelo
é menino
quem me dá
o espelho quando
o corte está pronto
quase certeza
é menina

a cabeleira
se chama

natasha

hoje enquanto
a natasha cortava
o meu cabelo
ela me contou
que a sobrinha quis dar
para um amiguinho
uma boneca polly
a mãe disse que era
de menina
ela se justificou
dizendo que era
de menini

00:34

5

15.7.15

Eles

ontem pela
primeira vez
durante
o terror noturno
eu me vi
falando
na outra língua
eu dizia:
*se llevaron todo
lo que tenemos*

00:43

6

11.8.15

*veo la ciudad desde arriba
pienso en mis cuadernos
en mis cajas
en mis carpetas
entiendo su lógica
pienso en mi analista
que me pregunta:
qué guardas ahí?
todo, le contesto
veo la ciudad desde arriba
entiendo su lógica
me guardaría ahí
si fuera posible*

18:224

7

22.8.15

*y si ahora solo
me vienen
en español
qué hago?
me traduzo
e se agora só
vierem
em espanhol
tenho a tentação
de escrever
fazer o quê?
mas simplesmente
é outra coisa
então
fazer o quê?
no escribir*

decía barthes

no es

una posibilidad

mas isso também

é uma tradução

então?

tudo bem

Referências bibliográficas:

CANAGARAJAH, Suresh. Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations. Routledge, 2013.

GHETI, Bruno. Memória e origens voltam a tematizar a obra de Paloma Vidal. 2012. Disponível em: <http://www.saraiwaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/46502>. Acessado em: 17 nov. 2021.

FERRARI, Lorene. As práticas translingues emergentes nas aulas de escola da fronteira Brasil-Bolívia: negociação de sentidos e justiça social. VI Seminário Internacional América Platina (VI SIAP) e I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços. UEMS, Campo Grande, 2016.

FICO, Carlos. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas. A perspectiva de Carlos Fico. [Entrevista realizada em 24 de julho, 2013]. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 464 - 483. Entrevistadores: Silvia Maria Fávero Arend, Rafael Rosa Hagemeyer e Reinaldo Lindolfo Lohn. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180305102013464>. Acessado em: 15 set. 2021.

GARCÍA, O. The education of Latinxs bilingual children in times of isolation: unlearning and relearning. Minne TESOL Journal, 36(1), 2020. Disponível em <http://minnetesoljournal.org/journal-archive/mtj-2020-1/the-education-of-latinx-bilingual-children-in-times-of-isolation-unlearning-and-relearning/>. Acessado em: 26 nov. 2021.

KASPAR, Katerina Blasques. Conversa com Paloma Vidal sobre não escrever: a performance participando da escrita. Revista de crítica genética Manuscrita n. 40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i40p138-151>. Acessado em: 17 de nov. 2021.

KELLMAN, Steven. The translingual imagination. Lincoln: U of Nebraska Press, 2000.

MACHADO, Cinthia Marízt dos Santos Ferraz. Deslocamento, escrita de si e memória: forças centrípetas da literatura em trânsito de Paloma Vidal em Mais ao Sul. In: Revista Eletrônica Falas Breves, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018.

MAKONI, S; PENNYCOOK, A. Desinventado e (re)constituindo línguas. Trad. Cristine G. Severo. Work. Pap. Linguist., 16 (2): 9 – 34, Florianópolis, ago/dez, 2015. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p9>. Acessado em: 30 nov. 2021.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

ORTIZ, Fernando. Del fenómeno social de la “transculturación” y de su importancia en Cuba. In: _____. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1983, p. 86-90.

VIDAL, Paloma. Menini: Lugares onde não estou. 1º ed.. Rio de Janeiro: 7 letras, 2018.

PRATT, Mary Louise. Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística. Cuadernos de Literatura, v. XVIII, n. 36, p. 238-253, 2014.

RAJAGOPALAN, K. Política linguística: do que é que se trata, afinal?. In: NICOLAIDES et al. (Orgs.). Política e políticas linguísticas, Campinas: Pontes, 2013, p. 19-42.

RESENDE, Beatriz; AGRÓ, Ettore Finazzi (Orgs). Possibilidades da nova escrita literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

ROMERO, Luis Alberto. Breve história contemporânea de la Argentina. 2ª ed.. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

ZOLIN-VESZ, Fernando. Como ser feliz em meio ao portunhol que se produz na sala de aula de espanhol: por uma pedagogia translíngue. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(53.2): 321-332, jul./dez. 2014